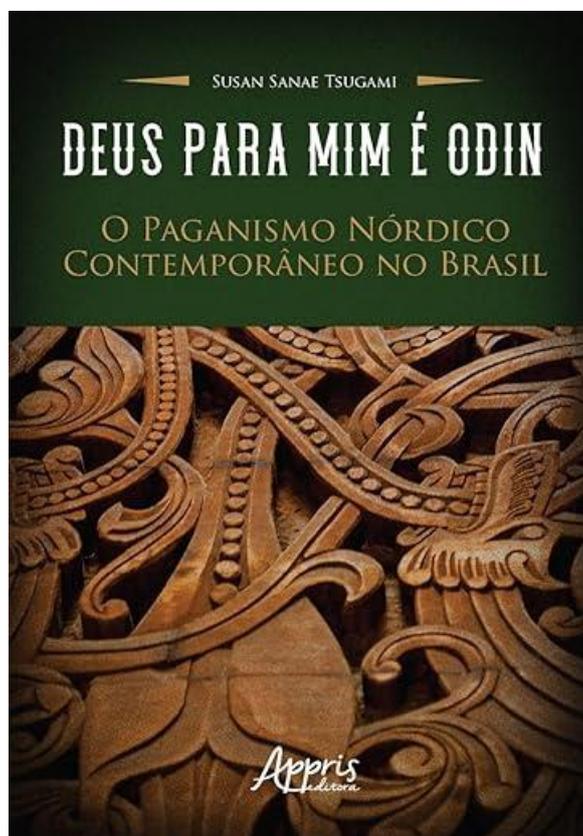


O PAGANISMO NÓRDICO NO BRASIL
THE NORDIC PAGANISM IN BRAZIL



TSUGAMI, Susan Sanae. *Deus para mim é Odin: O Paganismo Nórdico Contemporâneo no Brasil*. Curitiba: Appris, 2021.

Andréa Caselli¹

A popularização dos mitos e da cultura nórdica na América Latina encontrou grande concentração quantitativa no Brasil nas últimas décadas, surgindo assim, vários grupos religiosos que se denominam atuantes de crenças que envolvem o que já foi descoberto sobre as antigas religiões nórdicas. O livro de Susan Tsugami aborda o tema a partir das Ciências das Religiões; relatando e analisando as práticas, as manifestações e as formações identitárias que compõem tais formações religiosas. Trata-se de um trabalho acadêmico que investiga tal

¹ Doutora em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba, membro do Núcleo de estudos Vikings e Escandinavos (UFPB), membro do Núcleo de estudos Reception (Universidad de Alcalá de Henares). Site: www.andreacaselli.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8241-9283>

movimento por meio de um estudo de campo com caráter etnográfico. O estudo empregou coleta de dados, observação participante com entrevistas e fotos; alcançando uma aproximação para melhor compreensão da ressignificação em relação à mitologia nórdica.

Na introdução, a autora esclarece – com bibliografia atualizada – as definições dos seguintes termos utilizados no livro para a abordagem do conteúdo: religião, paganismo, neopaganismo, paganismo contemporâneo, *ásatrú*, *forn sidr*², *heathen*³. Ela explica como o Paganismo Contemporâneo surgiu no contexto do pós-guerra sob a influência do nacionalismo romântico, da teosofia e do esoterismo. Também introduz a conscientização de que no Paganismo Nórdico Contemporâneo existem tensões entre posições ideológicas e religiosas; contribuindo para debates que envolvem racismo, etnicismo, cultura e pureza. São abordadas também as condições históricas do surgimento do *Ásatrú* na década de 1970 e posteriormente do *Forn sidr* e do *Heathen*; movimentos que foram em busca do resgate da antiga tradição através da literatura, do folclore e nas descobertas arqueológicas. Também especifica os seus rituais sazonais e a forma como lidam com os oráculos, a alimentação, a música e a catarse.

As anotações da pesquisa de campo e as falas transcritas dos entrevistados são instrumentos utilizados pela autora para desenvolver a sua análise por todos os capítulos do livro. Através deles, o leitor tem a possibilidade de melhor compreender as experiências vividas nas práticas religiosas, como também imaginar-se presente no momento de um ritual, tendo assim, a oportunidade de melhor aproveitar as fotografias presentes no decorrer de todo o livro. Os registros fotográficos apresentam os locais escolhidos pelos adeptos para os rituais, os objetos sagrados, as expressões corporais utilizadas para as práticas, os altares, entre outros pormenores.

No primeiro capítulo, há importantes esclarecimentos sobre o caráter não-dogmático da religião nórdica pré-cristã. A importância da instituição familiar e do culto aos ancestrais também recebe ênfase, com depoimentos sobre a sua importância no paganismo nórdico brasileiro. O tema do sacrifício também é abordado, visto que se configura em um assunto polêmico na atualidade. Em relação ao calendário, a autora discorre sobre os desafios referente

² Pode significar, em tradução livre: caminho antigo, tradição antiga ou costume (Tsugami, p. 35, 2021).

³ Termo contemporâneo usado coloquialmente para designar as práticas religiosas na contemporaneidade (Idem).

às diferenças climáticas, já que este era um fator que direcionava os rituais e o estilo de vida na antiga religião nórdica. Sobre isso, a autora argumenta que alguns ritos não possuem semelhança significativa com a antiga religião nórdica, visto que inúmeras adaptações e novas compreensões são estabelecidas.

São explicadas as origens mitológicas das divindades nórdicas, que são subdivididas em duas classes familiares: Æsir e Vanir. A antiga religião nórdica tinha práticas descentralizadas e o culto aos deuses eram diversos. Também a importância de uma divindade sofre variações de uma região para outra, de acordo com a cultura familiar e comunitária. Sendo assim, as tradições e ressignificações dão embasamento para as práticas atuais. A pesquisa constatou que os principais materiais usados para o estudo dos praticantes no Brasil são a Edda em prosa, a Edda poética, a *Germânia* de Tácito, a *Gesta Danorum* de Saxo Grammaticus e outras fontes de cunho literário, folclórico e arqueológico. Von Schnurbein (2016) explica que os poemas éddicos possuem ideias centrais referentes à mitologia nórdica, pois atraíram muita atenção no período romântico e continuam sendo fontes de estudo. Dessa forma, a autora dá explicação aos modos de como essas obras são utilizadas e inseridas dentro do cotidiano religioso. No livro, são ilustrados alguns trechos de traduções das referidas obras, como também depoimentos dos adeptos a explicarem a sua relevância.

Os significados religiosos geram uma fluidez no discurso dos praticantes que refletem algumas dificuldades no diálogo com os pesquisadores acadêmicos, já que, para validarem suas crenças, os praticantes muitas vezes recorrem a pesquisas e teorias dos acadêmicos. Pois, além do propósito do resgate religioso, também há preocupação acerca do discurso racista dentro do cenário Pagão Nórdico Contemporâneo, uma vez que as religiões Ásatrú e Odinista estão envolvidas em inúmeras problemáticas sobre etnia, raça e nacionalismo. Snook (2015) explica que tais correlações acontecem devido a questões que também envolvem problemas sociais. Posicionamentos sobre fatores de exclusão e inclusão acontecem, muitas vezes, em virtude de limitações políticas e ideológicas.

Nos depoimentos expressos no livro, fica claro que os praticantes iniciaram o interesse pela religião nórdica através do acesso aos livros e debates na internet, desenvolvendo estudos individuais e particulares sobre o tema. Os relatos dos entrevistados são muito significativos sob o ponto de vista dos processos de construção religiosa, no que diz respeito à ressignificação, reinterpretação e criação de novos conceitos. De acordo com Souza (1999), a

auto percepção do brasileiro enquanto mestiço faz com que este fique entre duas percepções culturais, estando sempre em questionamento acerca de suas heranças culturais. Assim, o livro trata sobre a construção do discurso e das práticas através da junção das experiências subjetivas e os estudos nórdicos.

A possibilidade de alternativas e o cuidado com a liberdade religiosa favorecem a abertura de diversos argumentos sobre raça e supremacia, criando possibilidades para disseminação de ideologia extremistas. Assim, acaba por configurar um cenário problemático que é discutido extensamente nos grupos da religião nórdica contemporânea. Pois os praticantes sentem-se conectados com os símbolos da antiga religião e as interpretações podem, muitas vezes, ser idealizadas ou romantizadas em relação aos cultos antigos. Valores como coragem, força, lealdade, honra, força e fidelidade são propagadas e encorajadas com diversas atribuições de significados.

No segundo capítulo, a identidade e a performance são estudadas. O uso dos símbolos são apresentados como elementos de grande relevância para a identificação dos adeptos perante a sociedade. A exemplo dos adornos pessoais, das runas, dos chifres de beber, das artes, das tatuagens, dos trajés; todos eles fazendo referência a uma estética específica. As normas de conduta como saudações e invocações são explicadas de forma que o leitor entenda a sua importância emocional de cunho coletivo. Outro ponto interessante é a análise das diferentes formas ritualísticas de usar elementos tradicionais como o fogo e as runas; mostrando as muitas maneiras dos adeptos fazem suas interpretações.

No neopaganismo brasileiro – incluindo o nórdico – há uma forte influência da apropriação de elementos considerados xamânicos. Isso é também analisado pela autora, que aborda e identifica o uso de tambores, meditações, rapé (entre outros) com a finalidade de uso ritualístico ou de identificação individual. Os altares também são diversificados, proporcionando aos praticantes uma proximidade maior com o que consideram sagrado. Sobre isso, a autora explora as necessidades que estão direcionadas para o investimento de objetos referentes à cultura nórdica, como também as projeções espirituais de cada sujeito.

As diferenças entre os grupos são abordadas com o objetivo de identificar a construção da identidade religiosa, as interações ritualísticas e as projeções performáticas. A apropriação de outras experiências espirituais, como a indígena abrem espaço para um estudo do tema como processo de sincretismo religioso. Discursos de identificação religiosa geram discussões

em relação às identidades étnicas que os adeptos sustentam à respeito da religião à qual pertencem. Dessa forma, a reflexão e o contato entre os adeptos lançam novas perspectivas sobre a construção de um paganismo nórdico brasileiro que apresenta pluralidades.

No terceiro capítulo, a religião Asatrú é especificamente abordada. Os dilemas relacionados à raça, etnia, cultura e tradição são esmiuçados. A identificação étnica, em alguns grupos, continua sendo uma característica relevante para justificar como acontece o resgate cultural. Com isso, a autora aborda os temas da identificação e da diferenciação, pois ambos são processos de produção religiosa. As interações sociais implicam na busca de pertencimento e nas relações de poder. Assim, a autora identifica que, entre os grupo do paganismo nórdico contemporâneo, há o entendimento do Brasil como um ambiente multicultural, mas também de pertencimento étnico; o que, não raramente, gera controvérsias entre os adeptos.

A forma conflitante em que os discursos de racismo, etnicismo e multiculturalismo aparecem no Brasil, também ocorre pela dificuldade em estabelecer uma compreensão de forma estrutural, além de estarem presentes ideologias e hierarquias. A autora aborda o desejo de aproximação cultural que se manifesta com intensidade. Este pode relacionar-se com a distância geográfica entre o Brasil e os países escandinavos. As influências do movimento Ásatrú norte-americano e as diferenças políticas também são importantes para a pesquisa. Assim, a expressão do paganismo nórdico contemporâneo no Brasil inclui muitas possibilidades de manifestação que são detalhadamente apresentadas no livro.

Na conclusão, a autora elenca as complexidades do tema, pois os inúmeros discursos problemáticos, as polêmicas e a variedade de elementos simbólicos são representados pelos processos de ressignificação mitológica. A multiplicidade de conceitos e teorias é identificada como parte das construções de crença e de pertencimento. As questões que envolvem discursos ideológicos são importantes e mais complexas que os debates entre adeptos e acadêmicos, mas observa-se a necessidade de problematizar ambas as posturas. As fontes são observadas como legitimadoras de conhecimentos religiosos. Os praticantes do paganismo nórdico contemporâneo do Brasil são apresentados como uma fonte importante de transformação de tradições e legitimidade de conhecimentos.

Referências bibliográficas:

SNOOK, Jennifer. *American Heathens: The politics of Identity in a Pagan Religious Movement*. Philadelphia: Temple University Press, 2015.

SOUZA, Jessé. *Democracia racial e multiculturalismo: a ambivalente singularidade cultural brasileira*. Revista Estudos Afro-Asiáticos, [s.l.], v. 38, p. 135-155, 2000.

VON SCHNURBEIN, Stefanie. *Norse Revival: Transformations of Germanic Neopaganism*. Boston: Brill, 2016.